

# O FIO DA RAZÃO

**LITERATURA** Cristovão Tezza é o crítico-escritor responsável por elevar o romance brasileiro a um novo patamar

POR ROSANE PAVAM

**C**ristovão Tezza não age como quem opera um milagre na literatura brasileira. Tal responsabilidade lhe parece distante enquanto passa por São Paulo neste novembro em que chuveira e faz frio. Tezza dificilmente aparenta os 56 anos de idade que tem, nem há em sua gargalhada algo que o ligue à prosa nervosa de *O Filho Eterno*, pela qual ganhou o prêmio Portugal Telecom deste ano. Nasceu em Santa Catarina e, a seu ver, fixado em Curitiba para de lá não mais sair, Tezza dá ao romance do Brasil uma maturidade há muito desejada e pressentida.

*O Filho Eterno*, lançado pela Editora Record no ano passado, nasce da crueldade auto-irônica de Machado de Assis e dos personagens de tensa vida emocional de Graciliano Ramos. Não parece exagero dizer que é o melhor livro surgido em anos de torcidas e falsas expectativas. Nele, o autor usa a experiência autobiográfica para revelar o trajeto de um personagem que, no caminho da vida de escritor, tem seu primeiro filho, portador da síndrome de Down. O fato extraordinário é encarado com impaciência. O narrador de *O Filho Eterno* imagina no terço inicial do livro que o menino morrerá cedo e que ele, escritor, em breve voltará ao estado anterior a seu nascimento, livre para se dedicar à arte. O tempo naturalmente lhe dará lições.

**Seu protagonista** contraria o homem célebre de Machado de Assis, que usa a morte como inspiração para compor uma sinfonia, encerrada risivelmente em polca. Tezza só sacou literariamente de sua experiência de vida após qua-

se três décadas de hesitação. “Escrever não é catarse, é um ato de distanciamento, à moda do que pregava Bertolt Brecht”, ensina o autor, sorridente ao aceitar a confusão que seu livro promove entre o personagem literário e o real, no pequeno saguão do hotel de Pinheiros, de onde partiu, terça-feira 18, para uma mesa-redonda sobre o ato literário, na Universidade de São Paulo.

Escrever, diz ele neste livro, significa dar um nome às coisas. No início, con-

dor, seu brinquedo tardio, e não com a caneta sobre o papel, como fez habitualmente com as ficções. Um dia, a literatura se impôs e ele se assustou com as primeiras 40 páginas escritas, boas demais para serem continuadas.

**O romance *O Filho Eterno*** saiu porque havia um tema forte para ele e, principalmente, uma habilidade treinada para seu manuseio, exercida em bons livros anteriores desse autor, como *O*

*Fotógrafo* e *Trapo*. Nessas ficções o narrador se destaca, mas não demais. Seus protagonistas vivem o que Tezza intitula “realismo reflexivo”. Eles são “máquinas pensantes” que se relacionam com o mundo. “Como fotógrafo, tiro apenas retratos.”

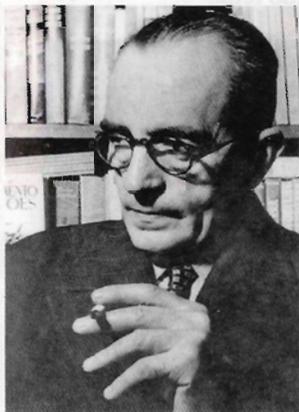
*O Filho Eterno* mostra Felipe, o menino com Down, mas principalmente o modo com que Cristovão Tezza busca cercá-lo e a suas limitações. “O livro é monotemático, sobre minha experiência em relação ao Felipe, não sobre a de minha mulher ou de minha filha”, diz

o escritor. “Eu não podia expô-las demais e, além disso, a crueldade precisa existir na narrativa.”

O artista fala rapidamente. Enquanto ouve o interlocutor, põe o dedo mínimo entre os dentes e avalia com seriedade quem o investiga. Só contraria o interlocutor às vezes, e com delicadeza, como faria o bom professor que ele ainda é na Universidade Federal do Paraná. Curiosamente, Tezza se intitula “pragmático”, porque desvia dos problemas e das burocracias universitárias em busca de concentração para sua literatura de armar.

Tezza, como faria o bom professor que ele ainda é na Universidade Federal do Paraná. Curiosamente, Tezza se intitula “pragmático”, porque desvia dos problemas e das burocracias universitárias em busca de concentração para sua literatura de armar.

Felipe é como ele,



**ATO LITERÁRIO.** Lição de Brecht e Graciliano: escrever não é catarse

tudo, Tezza não sabia como nomeá-las. Se escrevesse um texto ficcional, temia que o resultado repercutisse negativamente no público culto, desabituaado a crer em relatos de vida. Tampouco aceitava produzir um romance piedoso, um “calmante social” para seu público a partir da descrição do processo de aceitação do filho. O escritor era o crítico e o crítico, o escritor.

Contudo, desde que Felipe nasceu, em 1980, ele jamais deixou de escrever mentalmente esse livro. Quando admitiu encarar finalmente o tema, pensou em um ensaio, daí ter começado o texto no computa-

**O Filho Eterno é um exercício de controle da emoção, sem prejudicar a narrativa**

A CRUELDADE.  
Cristovão Tezza  
interessa-se  
por "máquinas  
pensantes"



NONALISA LINS/ESIM

brinca o tempo todo e pinta as coisas com clareza. Tezza ainda o vê como uma criança que frequenta aulas lúdicas de arte e por quem pergunta carinhosamente quando lhe telefona a mulher, Betinha, tratada no livro como um referencial, mas sem voz própria. Na tela do celular de Tezza está guardada a reprodução de uma tela do filho, um belo casário de geometria e cores definidas.

O filho tem certas obsessões, ainda que diferentes daquelas do pai. Para o jovem, por exemplo, há poucas coisas mais importantes na vida do que o Atlético Paranaense. Outro dia, o clube de futebol homenageou pai e filho com uma cerimônia e camisas oficiais. Tezza trata de futebol no último parágrafo do romance, como a sugestão de um caminho para Felipe, e só se interessou pelo assunto nos últimos anos por conta do filho.

**Rindo, o escritor afirma** se manter jovem por uma certa característica de "autista", ele que se tornou um curitibano em seu isolamento, recolhido como a cidade exige. Não vê a hora de largar a universidade, em julho, para se concentrar mais nas palavras, agora que sua escrita alcançou Itália, França, Portugal, Espanha e as ilhas oceânicas da Austrália e Nova Zelândia, no último caso em uma tradução para o inglês que ele reputa excelente, de Alison Entrekin. Tezza pode viver de lite-

ratura a partir daqui. Naquele bom sentido, não quer crescer.

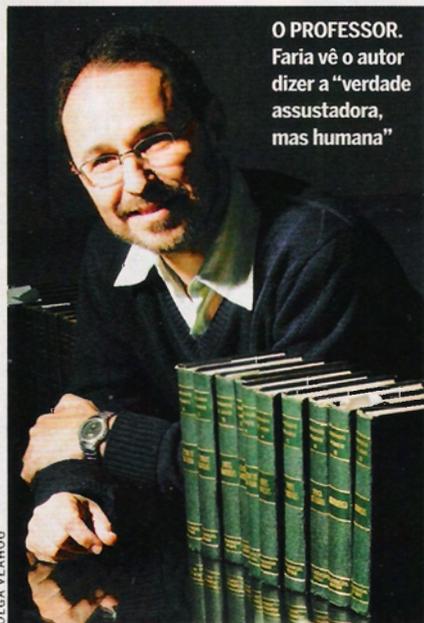
O chefe do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, João Roberto Faria, orientou seu doutorado sobre teoria da linguagem e sempre o viu mais como romancista do que como professor, embora reconheça que ele se comunica com os alunos com muita alegria. Faria acompanha a trajetória de Tezza desde o fim dos anos 70. Foi ele quem lhe apresentou *Os Serões*. "Cristovão encantou-se com a prosa derramada de Euclides da Cunha, com a

descrição das batalhas. Até hoje sabe de cor aquele trecho, *o Cambaio era uma montanha em ruínas...*"

Faria sentiu a Curitiba daquele tempo fria e conservadora, fechada para os de fora. "E o universo do Cristovão é quase sempre o mesmo, é essa cidade", ele diz. Em *O Filho Eterno*, está o processo de vida que Faria conheceu desde a gravidez de Felipe. Depois do nascimento do menino, Tezza comprou livros sobre a síndrome e estudou o assunto com afinco. "Ele se animava com os exercícios que aplicava ao filho, com as pequenas conquistas", conta o professor da USP. "Mas sabemos agora com este romance o quanto ele sofria por dentro. O livro não tem pieguice, é de uma verdade assustadora, porém profundamente humana."

O difícil não parece tanto o caminho que Tezza percorreu até essa consagração, mas o rumo que tomará a partir de agora, quando parece ter alcançado o ápice literário e indicado a direção para prováveis seguidores. O escritor acredita, um pouco por medo de cobranças, que *O Filho Eterno* é seu momento-chave na literatura, e que ele, por isso, dificilmente o repetirá. Mas já tem 30 páginas prontas sobre um relacionamento amoroso vivido pela personagem Beatriz e também guarda em sua gaveta uma página inteira sobre a velhice, em que novamente as verdades emocionais virão presas pelo fio da razão. ■

O PROFESSOR.  
Faria vê o autor  
dizer a "verdade  
assustadora,  
mas humana"



OLGA VLAHOU